

Isabelle Huppert
se aventura em
terras coreanas



PÁGINA 4

Marcelo Subiotto,
o novo divo nas
telas hermanas



PÁGINA 5

A maturidade
artística de Josyara
em novo álbum



PÁGINA 7

2º CADERNO

O adeus a um gigante da literatura latino-americana



Divulgação

Mario Vargas Llosa será cremado em cerimônia reservada destinada apenas à família e amigos próximos

Morre Mario Vargas Llosa, Nobel de Literatura que estourou boom latino-americano

Por **Sylvia Colombo** (Folhapress)

Um dos últimos nomes representativos do “boom latino-americano”, o peruano Mario Vargas Llosa morreu no último domingo aos 89 anos. A morte foi anunciada

pelo filho, Álvaro. “Com profunda tristeza, tornamos público que nosso pai, Mario Vargas Llosa, morreu hoje em Lima, cercado por sua família e em paz. Sua partida entristecerá seus parentes e amigos e seus leitores ao redor do mundo, mas esperamos que você encontre conforto, como nós, no fato de que ele gozou de uma vida longa, múltipla e fecunda, e deixa um trabalho que sobreviverá a ele.”

“Nenhuma cerimônia acontecerá em público. Nossa mãe, nossos filhos e nós mesmos confiamos em ter o espaço e a privacidade para me despedir dele com a família e em companhia de amigos próximos. Seus restos mortais, como foi a vontade dele, serão cremados.” A nota é assinada por Álvaro, Gonzalo e Morgana Vargas Llosa. **Continua na página seguinte**

Autor também brilhou como ensaísta

Nascido em 1936, Mario Vargas Llosa construiu uma obra imensa, que conquistou leitores em todos os cantos do mundo. Em 2010, ganhou o Nobel de Literatura, não sem antes ter abocanhado o Princesa de Astúrias, o Cervantes e o PEN. Sua obra é marcada por uma combinação obstinada entre ficção e política, em contraposição à García Márquez, seu colega de geração, que abandonou o realismo para mergulhar no universo do maravilhoso.

Habilidoso com as palavras, os romances de Vargas Llosa cativam o leitor desde a primeira página. Com uma enorme facilidade de mesclar ficção e elementos da realidade pôde abordar questões políticas e sociais latentes e atuais, de modo literário. Em suas páginas, estão as ditaduras, a corrupção política e os conflitos sociais da América Latina. Um de seus livros mais conhecidos é “A Festa do Bode”, publicado em 2000, que retrata os anos de ditadura de Rafael Trujillo na República Dominicana. Nessa obra, Vargas Llosa habilmente entrelaça a história do ditador com a vida de personagens fictícios, inspirados nas histórias de suas vítimas que não sobreviveram para contar a história. Cria-se, no livro, um retrato vívido e perturbador da tirania e suas consequências. Outro, que figurava entre seus preferidos particulares, é “A Guerra do Fim do Mundo”, para onde voltou as atenções e criou uma obsessão pelo nosso conflito de Canudos.

Além de seu trabalho como romancista, Vargas Llosa também é um prolífico ensaísta e jornalista, utilizando sua voz para expressar suas opiniões sobre diversos assuntos. Ele é conhecido por sua defesa da liberdade de expressão e dos direitos humanos, e já se envolveu ativamente em campanhas políticas e debates públicos. Meteu-se, em vários países da região, em debates locais, ao defender a eleição de um outro candidato a presidente, no Brasil, na Argentina, no Chile e outros.

Curiosamente, em contraposição a suas ideias políticas nos dias de hoje, que são mais à direita, Vargas Llosa começou a atuar na literatura e na política ao lado da Revolução Cubana. Era um aliado do castrismo até o caso de Herberito Padilla. Se tratava de um



Reprodução

Outrora amigos, Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez, romperam por questões políticas e a situação se agravou ainda mais depois que o peruano deu um soco no colombiano dentro de uma cinema em função de uma desavença pessoal

poeta e escritor cubano que, em 1971, começou a fazer críticas à Revolução. Preso, ensajou que vários intelectuais e escritores se mobilizassem por ele, inclusive Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.

Vargas Llosa também foi um deles. E, a partir da desilusão causada por esse episódio, o peruano começou a se afastar da esquerda. Nas décadas seguintes, se viu muito envolvido na política de seu instável país, o Peru, a partir de então sempre se posicionando contra soluções consideradas populistas. Foi candidato à presidência em 1990 contra quem viria a se tornar o ditador do país, Alberto Fujimori, mas perdeu para ele.

Nos últimos tempos, vinha apoiando a presidente em exercício no poder, Diana Boluarte, que enfrenta crise de legitimidade, uma vez que herdou o poder de Pedro Castillo, que renunciou e tentou dar um autogolpe.

Em 2010, Mario Vargas Llosa recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em reconhecimento à sua contribuição excepcional para a literatura mundial. Esse prestigioso prêmio

solidificou ainda mais sua posição como um dos grandes escritores contemporâneos e trouxe maior visibilidade às suas obras.

Uma das disputas literárias mais conhecidas e significativas do século 20 foi a briga entre Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez. A amizade entre esses dois renomados escritores teve início na década de 1960, quando eram parte do “boom latino-americano”. No entanto, a relação deles deu uma reviravolta dramática na década de 1970, quando surgiu um conflito pessoal e político entre eles.

O conflito entre Vargas Llosa e García Márquez foi multifacetado, enraizado tanto em diferenças artísticas quanto em desacordos políticos. Seus estilos de escrita contrastantes e abordagens narrativas se tornaram fonte de contenda, com Vargas Llosa favorecendo uma abordagem mais analítica e estruturada, enquanto García Márquez abraçava o realismo mágico e um estilo mais lírico e expansivo.

No entanto, a disputa entre os dois autores foi além das diferenças literárias. Suas

posições políticas opostas também contribuíram para a tensão em seu relacionamento. Vargas Llosa inclinava-se para a ideologia liberal, defendendo a democracia e os mercados livres, enquanto García Márquez mantinha uma maior afinidade com a política de esquerda e os princípios socialistas.

O clímax de sua disputa ocorreu quando Vargas Llosa e García Márquez se envolveram em uma briga física durante num encontro público. A razão teria sido um desentendimento por conta da mulher do peruano, Patricia Llosa, que havia sido namorada de Gabo anteriormente. Terminou com Gabo levando uma bofetada de Vargas Llosa em um cinema, diante de todos.

Esse evento marcou o fim definitivo de sua amizade e deixou um impacto duradouro no mundo literário.

Indagado sobre a relação entre ambos, Vargas Llosa afirmou que jamais voltaria a falar de Gabo no plano pessoal, mas que seguiria elogiando a magnitude de suas obras. Isso seguiu fazendo depois da morte do colombiano.

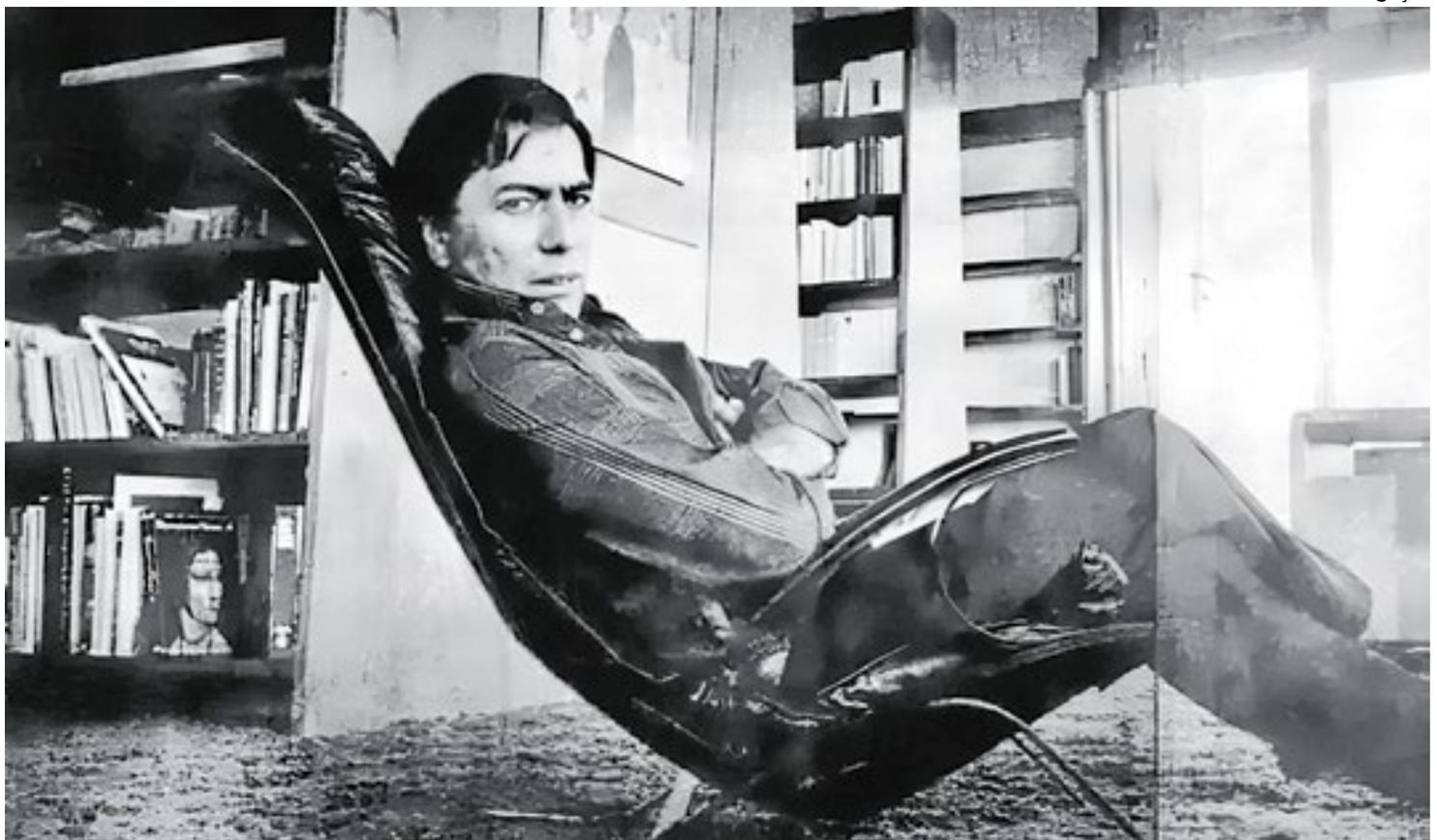
Por **Olga de Mello**

Especial para o Correio da Manhã

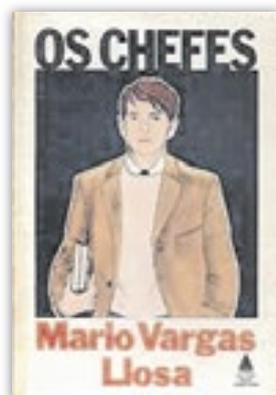
O Prêmio Nobel de Literatura concedido em 2010 ao peruano Mario Vargas Llosa foi recebido com reticências pela intelectualidade de esquerda mundial. Socialista na juventude, Llosa atacara publicamente o regime cubano e se apresentara como candidato da direita em eleições presidenciais peruanas de 1990 – perdendo para o “esquerdista, pero no mucho” Alberto Fujimori, que no meio de seu mandato, fechou o Congresso no chamado “autogolpe”. O escritor, nessa época, vivia na Europa, voltando a dedicar-se exclusivamente à literatura, onde se mostrava um grande narrador e defensor da democracia, apontando incongruências em qualquer governo, principalmente nas ditaduras latino-americanas.

Como artista, Mario Vargas Llosa era de rara excelência. Ficcionista que dominava a narrativa como poucos, tinha a técnica dos grandes criadores de folhetins, prendendo o leitor de sua ficção em sucessivos capítulos que, geralmente, mesclavam a história política da América Latina com os arroubos sensuais de personagens eternamente dispostos a se apaixonar por mulheres irresistíveis. Seu legado literário não se restringe à ficção, mas a pesquisas sobre a arte e os fenômenos de comunicação que conheceu. Jovem, cursou Direito, mas exerceu o jornalismo e abraçou a literatura, que lhe rendeu reconhecimento com premiações diversas e uma vida confortável, além do prestígio como palestrante e professor em universidades internacionais. Em quase nove décadas de vida, deixa uma obra contundente, com a aposentadoria anunciada no posfácio de seu último romance, “Deixo a Você Meu Silêncio”, em que faz o elogio da música crioula peruana, como valsas, mariñeras, polcas e huanitos, por quebrarem barreiras raciais e sociais no encontro de migrantes nos bairros pobres de Lima.

Contraditório e polêmico, Mario Vargas Llosa criou uma literatura de rara consistência, essencial para quem quiser entender a América crioula. Entre os muitos bons títulos, estão:



Cinco obras para compreender Vargas Llosa



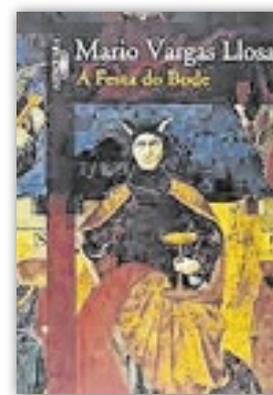
Seu livro de estreia, de 1959, traz seis contos sobre os desafios enfrentados por jovens moradores de Lima



No bar Catedral, as conversas de um jornalista com um ex-motorista traçam o panorama histórico do Peru



Um comandante organiza a rotina dos encontros de prostitutas com sua tropa em missão na Amazônia



Um amplo painel da ascensão e queda da ditadura de 31 anos de Rafael Trujillo na República Dominicana



Um bairro pobre de Lima dá nome a essa denúncia da alienação dos novos ricos limenhos da era Fujimori

Divulgação



Isabelle Huppert desfila humor em 'As Aventuras de uma Francesa na Coreia', de Hong Sangsoo

Isabelle Huppert à moda coreana

Aos 72 anos, a estrela francesa, considerada uma das mais respeitadas atrizes do planeta, brilha nas telas brasileiras em filme de Hong Sangsoo

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Cannes sem Isabelle Huppert não é Cannes, por isso, a badalada estrela francesa vai desfilhar na Croisette, de 13 a 23 de maio, à frente de “La Femme La Plus Riche Du Monde”, um ensaio de tons tragicômicos sobre o Poder. Antes disso, quem se delicia com seu talento é o Brasil, onde ela está em cartaz com “As Aventuras De Uma Francesa Na Coreia” (“A Traveler’s Needs”), que deu ao pro-

lífico Hong Sangsoo o Grande Prêmio do Júri da Berlinale de 2024. Custou, mas essa joia (palavrosa) chegou ao circuito nacional.

Por ter positivado num teste de covid-19 dias antes de embarcar para o Festival de Berlim de 2022, Isabelle foi impossibilitada de comparecer à cerimônia de entrega do Urso de Ouro Honorário que receberia pelo conjunto de sua carreira, uma das mais prolíficas da indústria audiovisual. Agora, a atriz parisiense de 72 anos vai às forras e se delicia com um saldo dos mais positivos no evento germânico, onde



Berlinale/Divulgação

emplacou faz pouco o delicioso policial “As Pessoas Do Lado” (“Le Gens d’à Côté”), exibido na Mostra de São Paulo, em outubro passado.

“Eu fiquei feliz ao saber que “A Dona do Barato”, que eu protagonizo, foi o filme francês de maior

sucesso no Brasil durante a pandemia, e sei que tenho convites pendentes para visitar vocês, mas ainda não tive chance de dar um pulo no país de vocês. O cinema tem muitas vozes novas ativas, criando mundos próprios. Eu vivo em busca dessas

vozes”, disse Isabelle ao Correio, durante o Festival de Berlim, onde pode ajudar o diretor sul-coreano Hong Sangsoo, que faz tantos filmes quanto ela, a sair da Alemanha premiado.

Os dois fizeram juntos “A Visitante Francesa”, em 2012, e “A Câmera de Claire”, em 2017. Eles retomam o convívio agora, em “A Traveler’s Needs”, no qual Isabelle interpreta uma abilolada professora de Francês que engata em conversas e bebedeiras com artistas para quem leciona. Um jovem poeta e sua mãe bem intrujona integram a fauna de personagens de Sangsoo.

“Neste novo encontro nosso, eu até levei a roupa da personagem. O problema foi ter que tomar o Makgeolli, uma bebida típica com aspecto de leite, doce, mas... forte. Eu não bebo... quer dizer, só bem pouco”, disse a atriz ao Correio, na capital alemã. “Hong não trabalha com roteiro, nem com enredo definido. A gente vai criando no processo, em tramas bem-humoradas, mas carregadas de uma certa melancolia”.

Já em “As Pessoas do Lado”, a estrela europeia é dirigida por um titã da França nas telas: André Téchiné. O aclamado realizador de “As Testemunhas” (2007) destila elegância nesse suspense, narrando a saga de uma policial que se afeiçoa por seus novos vizinhos até entrar em dilema ao descobrir que um deles tem um passado de crimes.

São dois artesões autorais, duas escolas da arte de filmar. “Respeito o olhar de cineastas, mas não encaro a parceria que tenho com realizadores como um aprendizado, pois eu não me vejo como estudante e nem trato diretores como mestres. São colegas. Cada colega tem um olhar específico, que me alimenta. Filmei muito com Claude Chabrol, que me deu papéis em grandes filmes. Mas eu não encarava sua doce figura como um professor. Chabrol foi o criador de um universo. É o que admiro nele”.

Em setembro passado, Isabelle presidiu o júri do Festival de Veneza que concedeu o prêmio de Melhor Roteiro a “Ainda Estou Aqui”, o oscarizado drama de Walter Salles, hoje no Globoplay.

Por **Rodrigo Fonseca**

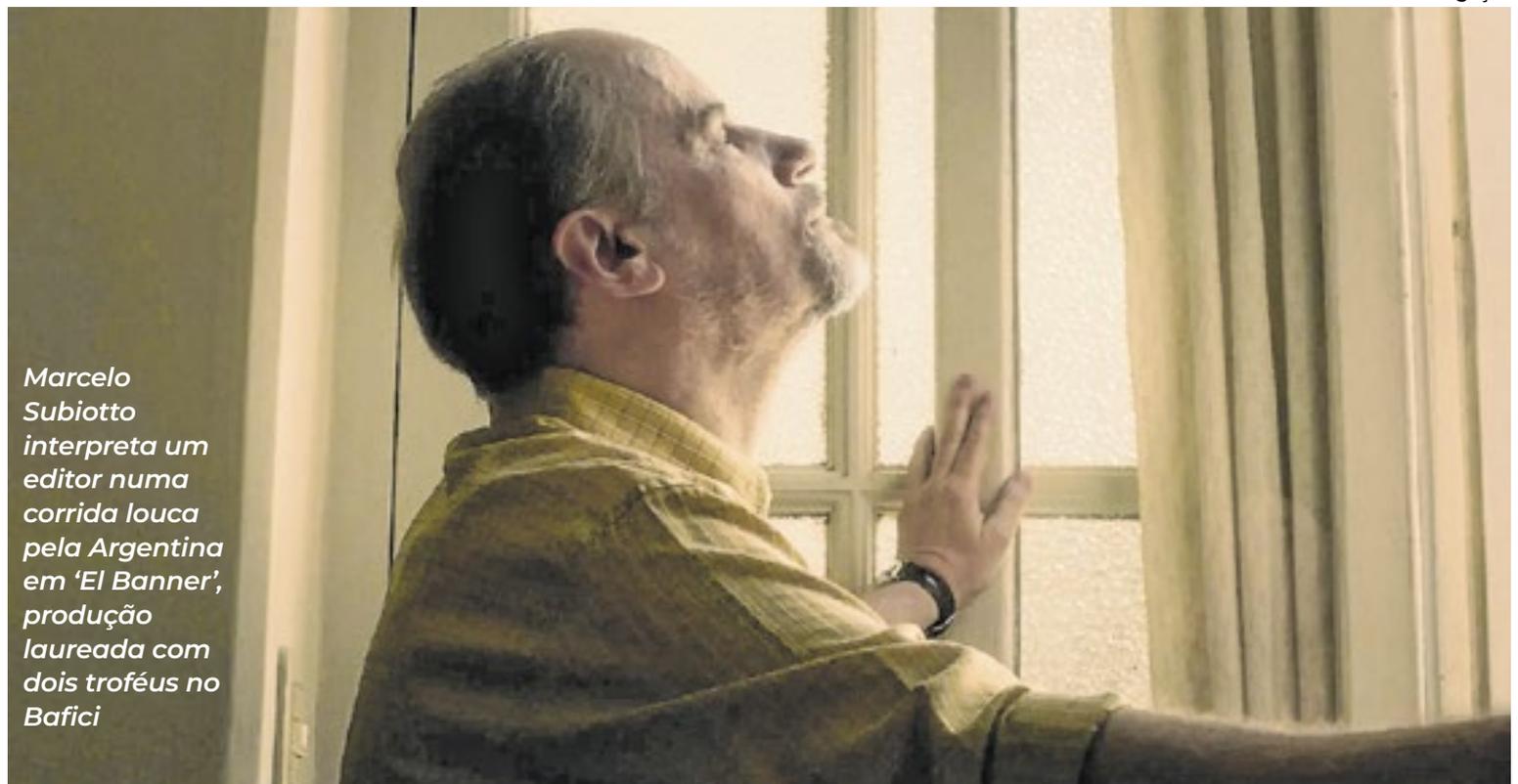
Especial para o Correio da Manhã

Colosso audiovisual de CEP portenho, encarado como a maior produção da Argentina em 2025, a série da Netflix “O Eternauta”, baseada na cultuada HQ dos anos 1950 de Héctor Germán Oesterheld e Francisco Solano López, estreia no dia 30 de abril com o divo Ricardo Darín como protagonista e um outro muso, que amplia o seu prestígio global filme após filme, ao lado dele: Marcelo Subiotto. No fim de semana, o filme que ganhou o prêmio de Melhor Curta-metragem e ainda o de Melhor Direção no 26º Bafici - Festival de Buenos Aires, a comédia “El Banner”, é estrelada por ele.

Seu rosto foi visto ainda em “Puan”, um dos maiores sucessos recentes de nuestros hermanos, condecorado com o prêmio de Melhor Roteiro na Espanha, no Festival de San Sebastián. Aliás, esse hilário longa-metragem sobre a realidade universitária pública nas Américas saiu do evento espanhol com o troféu de Melhor Interpretação, dado a... Subiotto.

“Venho de um país muito grande e uma parte dele está retratada nos filmes que fazemos”, disse o ator de 58 anos ao Correio da Manhã na Alemanha, durante a última Berlinale, antes do carnaval, onde brilhou nas telonas germânicas com “El Mensaje”. “É um filme envolvo em mistério”, definiu o astro.

Coroado com o Prêmio do Júri em Berlim, “El Mensaje” chegou à competição pelo Urso de Ouro como um tapa na cara do presidente argentino Javier Milei (e sua presidência de tons conservadores, avessa a pautas identitárias) ao propor um novo arranjo familiar na estrutura narrativa meticulosa do cineasta Iván Fund. Ele dá a Subiotto um papel que desconstrói o machismo estrutural latino, e amplia o prestígio de seu intérprete, hoje encarado pela crítica da Pangeia latina como um novo Darín, tão talentoso e tão carismático como o protagonista de “O Segredo de Seus Olhos” (2009) e de “O Filho da Noiva” (2001).



Marcelo Subiotto interpreta um editor numa corrida louca pela Argentina em ‘El Banner’, produção laureada com dois troféus no Bafici

Um novo Darín

A cada novo filme, o portenho Marcelo Subiotto, astro do premiado ‘El Banner’, firma seu prestígio internacional como um dos maiores atores da Argentina

“Na crise por que nós passamos, a arte exerceu um papel luminoso de reflexão. Como ator, o que tento fazer nessa história é seguir a minha vocação e tentar me conhecer mais, da melhor forma possível”, disse Subiotto, antes de cair no set de “El Mensaje”, então envolvido com “O Eternauta”, que tem o uruguaio Cesar Charlone (de “O Banheiro do Papa”) no elenco.

No roteiro filmado em preto e branco por Iván Fund, uma criança em fase de dentes de leite revela a capacidade de se comunicar com bichos, inclusive aqueles que estão na fronteira entre a vida e a mor-

te. Um dos tutores da menina, Roger (papel de Subiotto) cuida dela como um tesouro, por razões sentimentais e profissionais. Roger agencia as consultas que a guria dá para quem anseia por contato com finados animaizinhos.

“Muito do que se vê no filme retrata diferentes províncias”, diz Subiotto.

Em “El Banner”, ele vive um Rafael, um dono de uma antiga editora que está prestes a firmar um acordo numa cerimônia importante. Para que a tal celebração aconteça, ele precisa de um cartaz, e vai atravessar sua cidade numa correria

louca para isso. Paralelamente, prepara um discurso que evoca as palavras de uma estrela de Hollywood na entrega do Globo de Ouro.

No fim do mês, o ator entra em cena em “O Eternauta”, cuja argamassa vem do quadrinho lançado de 1957 a 1959 no suplemento “Hora Cero Semanal”. Sua relevância vai além de sua inequívoca potência visual e de sua dramaturgia sociológica, de prosa com a literatura H.G. Wells (1866-1946). Uma tragédia (cujo bastidor aponta suspeitas de vetores governamentais) em torno do já citado roteirista Héctor Germán Oesterheld, criador da trama, amplia a importância da HQ. Nascido em 1919, ele desapareceu em abril de 1977, em meio a uma reunião de militantes de esquerda, como reação da ditadura aos antipatizantes do regime militar na Argentina. Suas quatro filhas caíram na clandestinidade e acabaram assassinadas. Duas delas estavam grávidas quando foram mortas. O “sumiço” de Oesterheld teria ocorrido pouco depois de ele publicar a parte II das missões do Eternauta, lançada em 1976, pela Ediciones Record.

Foi um estudo sobre os ranços ditatoriais das Américas que ganhou o Grande Prêmio do Bafici na competição internacional. Coroado com o Prêmio da Crítica

dado pela Federação de Imprensa Cinematográfica (Fipresci) na Berlinale, “Bajo Las Banderas, El Sol”, de Juanjo Pereira, venceu a disputa mais acirrada do festival argentino no sábado. Na mesma competição, o Brasil levou o prêmio de Melhor Curta-metragem com “Minha Mãe É Uma Vaca”, de Moara Passoni.

Projetado no Rio em em São Paulo no recém-finalizado festival É Tudo Verdade, o longa de Juanjo arrebatou elogios em terras portenhas, assim como no Brasil, onde acaba de ter sessões no É Tudo Verdade. É a produção paraguaia de maior êxito em maratonas cinéfilas estrangeiras depois da consagração de “As Herdeiras” (2018). Esse documentário é um mosaico de exuberante montagem. Sua estrutura formal é uma reação à recordações latinas de 1989, ano da queda da ditadura de 35 anos de Alfredo Stroessner. Sua saída do Poder marcou o fim de um dos regimes autoritários mais duradouros do mundo. Isso também levou ao abandono dos arquivos audiovisuais que haviam consolidado seu comando. Esse material, criado para moldar uma identidade nacional e celebrar um regime de direita, foi deixado para desaparecer da memória. Juanjo esforçou-se para evitar esse destino.

Cantor e compositor, o carioca Alê lança o EP autoral 'Igbá'

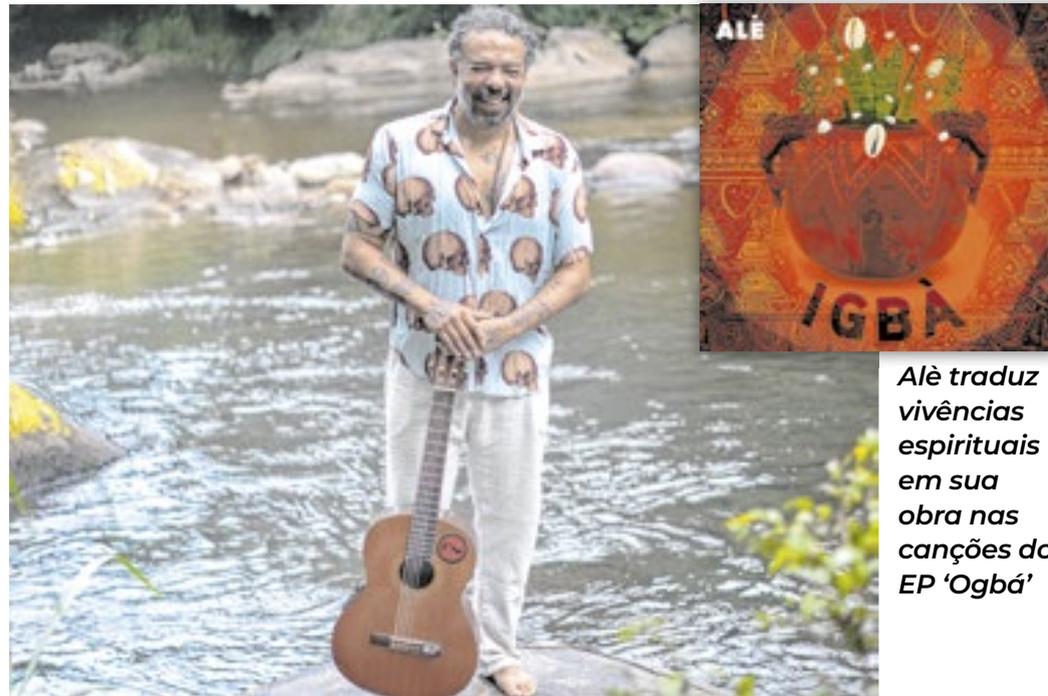
Fusão entre espiritualidade e ritmo

Por Affonso Nunes

Depois de estreiar com o single “Pretas & Pretos Novos” em 2024, o cantor e compositor Alê apresenta seu primeiro EP, “Igbá”, em que reafirma a música como território de celebração, resistência e fé. O título, que em yorubá significa “cabaça”, remete ao objeto sagrado usado em cultos de matriz africana — símbolo da conexão com os orixás e com a ancestralidade.

O artista carioca traduz vivências espirituais em arranjos que cruzam tradições afro-diaspóricas, afro-indígenas e afro-quilombolas. O novo trabalho reúne seis faixas autorais — “Intro (Nêgo Bispo)”, “Veste Teu Branco”, “Reis

Pedro Kuia/Divulgação



Alê traduz vivências espirituais em sua obra nas canções do EP 'Igbá'

Malunguinho”, “Ayabá”, “Losi Losi” e “Agayú (Aganjú)” — onde melodias e percussões se entrelaçam à pesquisa musical e à devoção religiosa.

Compositor e violonista, Alê começou a divulgar suas criações nem suas redes sociais em 2020, durante o período pandêmico. Desde então, vem atraindo atenção de nomes como o historiador e escritor Luiz Antônio Simas e a escritora Eliana Alves Cruz, que reconhecem a força poética e política de sua obra.

A produção de “Igbá” marca uma nova etapa em sua trajetória. Os arranjos foram desenvolvidos em colaboração com os músicos Jj Aquino (bateria e efeitos), Muriilo Moe (baixo) e Pedro Dias (percussão). O EP ainda traz participações do flautista Sereno Melo — neto de João Cabral de Melo Neto — e dos percussionistas Camafeu de Ayrá e Marcus Mickey. O resultado é uma sonoridade híbrida e dançante, sustentada pela espiritualidade como eixo condutor.

“Igbá é mais do que um EP — é um chamado”, define o artista.

CRÍTICA / DISCO / VIVO SONHANDO

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos do álbum Vivo Sonhando (independente, através de campanha de financiamento coletivo), de Gabriel Veras. É seu primeiro trabalho como solista de violão de seis cordas: apesar de fera no violão de sete cordas, ele usa-o apenas quando acompanha cantores e solistas. Com oito faixas, cuja direção musical foi entregue ao violonista e compositor Iuri Bittar, Gabriel se dá ao choro, aos tangos brasileiros, ao afrosamba e a outros gêneros do repertório popular violonístico.

Mas o que impressiona em Vivo Sonhando, muito mais até do que o fato de ser o primeiro de um jovem, é a forma como Gabriel se entrega ao instrumento: com rara coerência melódica. Por mais que outros jovens também se dediquem hoje ao violão (salve eles!), sempre

haverá espaço para um se sobressair e despontar como o craque da parada, aquele que, pleno de emoção nas mãos, tem os dedos aptos a burilar os arranjos, ora carregados de sentimento, ora com dedilhados enérgicos.

Particularmente, prefiro o comedimento à intensidade dos violonistas. Mas o que mais admiro mesmo é quando estas duas virtudes se tornam cúmplices do músico, alçando-o ao elenco dos bambas do instrumento.

E a sonoridade do violão do cara? Meu Deus, o que é aquilo? Gabriel Veras toca demonstrando gostar do que brota do seu violão — sem dúvida, um instrumentista

Salve um novato e grande violonista

Divulgação



com autoestima em alta —, deixando transparecer a alegria de poder oferecer ao ouvinte o que ama fazer com seu ofício. Ofício este que ele ainda irá desenvolver e que, evidentemente, aperfeiçoará para seguir encantando os amantes da boa música instrumental. Ouça o álbum

em <https://acesse.one/sChTN>.

“Vivo Sonhando” (Garoto): o violão vem despertando sentimentos. Bela abertura de tampa. “Interrogando” (João Pernambuco): os dedos vibram na obra imortal do genial João Pernambuco, acrescentando-lhe vigor. “Amigo Sena” (Canhoto da Paraíba): não poderia faltar, e aí está o grande Canhoto, pelas mãos de Gabriel. “Enigma” (Garoto): outro grande tema do mestre vem soar nos ouvidos agradecidos do ouvinte. “Odeon” (Ernesto Nazareth): bem-vindo o choro de Nazareth, aqui trazido pela emoção de Gabriel. “Três Colinas” (Iuri Bittar): Bittar diz presente com esta bela peça. “Choro

Triste” (Aymore – 1908/1979): tão triste quanto lindo é este choro de Aymore. “Canto de Xango” (Baden Powell): não sei como vai ser, mas Baden tem que ouvir Gabriel Veras tocar esse canto que, carregando a força das entidades sagradas, abençoa compositores e intérpretes.

Daqui do meu canto, saúdo Gabriel Veras e seu violão!

FICHA TÉCNICA

Gabriel Veras – violão; Iuri Bittar – direção musical e coordenação; João Ferraz – mixagem e masterização; Roberta Correa – engenheira de áudio e edição; Yuri Reis – arte da capa; Yasmim Loureiro – produção executiva e design; gravado no estúdio Radames Gnatalli, no Rio de Janeiro.

*Vocalista do MPB4 e escritor

Destaque da nova cena da MPB, cantora e compositora baiana lança 'Avia', trabalho que celebra a força de seu canto e amplia seus horizontes como criadora

Por **Affonso Nunes**

Trabalho após trabalho, a baiana Josyara vem se firmando como uma das mais importantes cantautoras de sua geração. "Avia", seu novo álbum, já nas plataformas digitais, não foge a esse destino. O terceiro trabalho autoral da cantora, compositora e violonista baiana reúne dez faixas que revelam sua maturidade artística, seu domínio sobre arranjos e sua personalidade como produtora musical — função que divide com Rafael Ramos.

O repertório traz colaborações com nomes de destaque como Chico Chico, Liniker, Pitty, Juliana Linhares e Iara Rennó, além de releituras de Anelis Assumpção e Cátia de França. Entre parcerias inéditas e homenagens, Josyara reafirma sua capacidade de transitar por diferentes linguagens sonoras sem abrir mão da singularidade de sua voz, de seu violão altamente percussivo e de sua escrita precisa.

"Avia significa deixar correr, caminhar, despachar, adiantar, concluir", explica a artista. A escolha do nome revela a intenção de seguir em frente com leveza e decisão, traduzindo em som o movimento contínuo de quem não espera: faz. "Avia" soa como afirmação — da identidade de Josyara como cantora, instrumentista e compositora — e como gesto generoso de partilha, que busca



Josyara: 'Desejo que a alegria que senti ao fazer esse disco alcance as pessoas'

A maturidade artística de Josyara

alcançar diferentes públicos com a mesma intensidade.

A abertura do disco é com "Eu Gosto Assim", releitura da canção de Anelis Assumpção, que contrapõe prazeres e dissabores da vida adulta com poesia e leveza. Em seguida, "Seiva", feita com Iara Rennó, celebra o prazer e o desejo com liberdade. Já "Festa Nada a Ver" transforma a dor da despedida em lirismo, sem abandonar a força melódica.

Homenageando Cátia de França, Josyara gravou "Enscado", do disco "20 Palavras ao Redor do

Sol" (1979), ao lado de Pitty. "Esta música acende em mim uma inspiração, um lugar de resiliência", conta. "Pela força da letra, achei que combinou muito com a voz, o timbre, a interpretação e, inclusive, com a obra de Pitty. Foi muito especial cantarmos juntas."

O álbum segue com "Correiras", que ganhou videoclipe dirigido por Juh Almeida, e "Sobre Nós", parceria com Pitty. Em "De Samba em Samba", a percussividade do violão de Josyara se junta ao trio formado por Thiago da Serrinha, Carlinhos 7 Cordas e Kainã do

bum. "Ela foi se transformando ao longo do tempo, ganhando outros sentidos, um tom mais lúdico e subjetivo", diz Josyara. O disco se encerra com "Oasis (A Duna e O Vento)", dueto com Chico Chico. "Sou muito fã de Chico, acho que ele tem uma doçura e uma potência muito especiais. Ele deu à canção toda beleza que ela pedia", diz a baiana de Juazeiro, a mesma cidade que nos deu João Gilberto.

Gravado no Estúdio Tambor, no Rio, com sessões adicionais no Estúdio T, em Salvador, "Avia" é um lançamento da gravadora Deck. Para Josyara, o álbum marca um ponto de virada em sua trajetória. "Desejo que a alegria que senti ao fazer esse disco alcance as pessoas. Que elas possam se emocionar e tenham vontade de compartilhar com quem elas gostam."

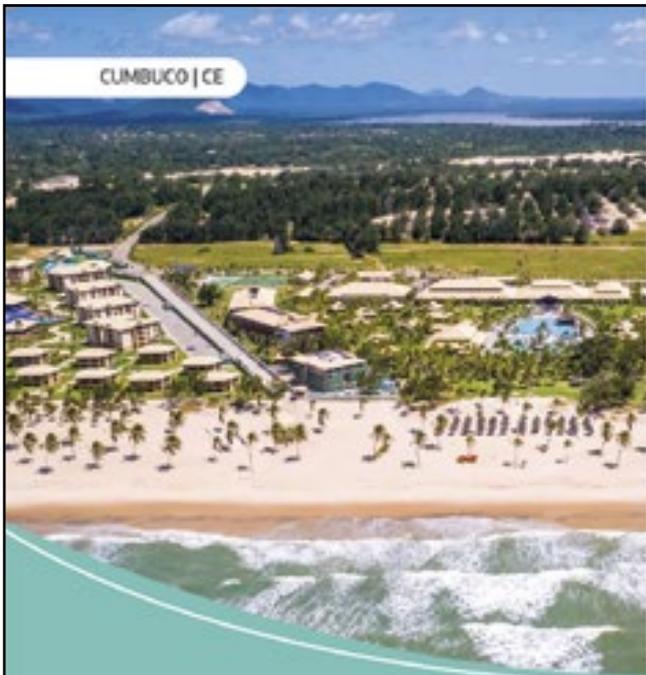
"Avia" fala de amor, saudade, despedidas e reencontros — temas tão íntimos quanto universais. E, ao dar voz a esses sentimentos, Josyara confirma que seu canto segue avante, com rumo certo e asas abertas. Se você ainda não a conhece, o faça logo.

Divulgação



Jêje, numa faixa em que a força rítmica se impõe. O delicado "Eu Não Sou Prova de Amor", feito com Juliana Linhares, é um samba-bilhete de pouco mais de um minuto — breve, direto e marcante.

"Peixe Coração", composta com Liniker em 2019, foi ganhando novos contornos até se tornar uma das faixas mais etéreas do ál-



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

